

A DINÂMICA DO EU EM FREUD

Elton Araújo da Costa ARAÚ¹

Teresa Cristina Martins KOBAYASHI²

¹Graduando de Psicologia da Faculdade Estácio de Macapá. e.mail: arau.inca@gmail.com

²Professora Mestre Orientadora da Faculdade Estácio de Macapá. e.mail: kteresacristina@gmail.com

RESUMO: Tendo como ponto de partida a teoria do inconsciente, a psicanálise busca, dentro de seus postulados, abarcar toda a complexidade possível do psiquismo e da psicologia humana. Nesse sentido, este trabalho busca, a partir de uma breve revisão bibliográfica do conceito de “Eu”, evidenciar essa instância do aparelho psíquico como um universo dentro de uma complexidade ainda maior, que não para de se inscrever por inteiro, como é entendida a interpretação mais básica desta estrutura. A partir desta revisão bibliográfica, objetiva-se realizar uma análise crítica, aprofundando-se neste todo relacional que se destaca na representatividade do Eu, que para Freud é a ilimitabilidade de um vínculo com o universo. Como metodologia utilizou-se a revisão bibliográfica acerca da discussão. Evidenciou-se com este estudo que não é improvável considerar que o Eu e o inconsciente confluem e se representam mutuamente, embora atuem de forma específica e simbólica, onde no real civilizatório, da cultura e da relação parental, demandam construção e elaboração de identidade e singularidade, a partir do inconsciente que sustenta e alimenta este processo dinâmico.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente. Eu. Relação. Dinâmica. Princípio do prazer.

ABSTRACT: Taking as its starting point the unconscious theory, psychoanalysis seeks, within its principles, encompass all possible complexity of the psyche and human psychology. In this sense, this work aims, from a brief literature review of the concept of "I", to show that instance of the psychic apparatus as a universe in an even more complex, not to sign up as a whole, as it is understood most basic interpretation of this structure. From this review of literature, the objective is to conduct a review, deepening this relational all that stands in the representation of the self, which for Freud is the limitlessness of a link with the universe. The methodology used the literature review about the discussion. It is evident from this study that it is not unlikely considering that the self and the unconscious converge and mutually represent, but act in a specific way and symbolic, where the real civilization, culture and parental relationship, require construction and development of identity and uniqueness, from the unconscious that sustains and feeds this dynamic process.

KEYWORDS: Unconscious. E. Relationship. The pleasure princi.

1. INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, criador e pai da Psicanálise, revolucionou a história da ciência com suas descobertas a respeito do comportamento humano, os seus modos de funcionamento, a maneira como o sujeito se relaciona e como essas relações são influenciadas pelo sujeito e este as influencia, sobretudo, sobre o funcionamento do psiquismo na pessoa humana.

Neste artigo, se realizou uma reflexão teórica acerca da noção de "eu" em Freud. Para isso, foi necessário situar esta instância do aparelho psíquico constituído em sua teoria, a partir das reflexões sobre a “teoria do eu” na obra freudiana, através de quatro postulados básicos de como esta noção se determina e funciona entre si.

Este estudo se conduziu dentro de uma metodologia dialética (Lakatos & Marconi,

2003, p.100), onde a interpenetração de conceitos supostamente contrários, o eu e o inconsciente, foram subsidiados pelos referenciais bibliográficos especializados no assunto que indicaram por este viés, que existe uma relação recíproca e comunicativa entre uma unidade que se polariza, onde ocorre uma passagem quantitativa e qualitativa de forças e representações psíquicas que foram se elaborando na constituição do eu, como uma instância dinâmica do aparelho psíquico Freudiano.

O primeiro postulado trata da discussão do eu na experiência de satisfação (1895); do dualismo pulsional pulsão do eu *versus* pulsão sexual; da discussão sobre narcisismo (1914); e, do eu como instância psíquica.

Uma das dimensões da realidade com que o ser humano entra em contato é a dimensão social. Esta dimensão tem sua importância na constituição do sujeito e na constituição do aparelho psíquico por diversos motivos. Um deles é o meio com o qual o sujeito se depara com os objetos essenciais à sua sobrevivência e outro é o fato de que o sujeito pode se deparar com elementos ameaçadores, podendo ser então fonte de dor, sofrimento e desprazer.

Na teoria Freudiana “o que decide o propósito da vida, é simplesmente o programa do princípio do prazer, esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início” (FREUD, 1969, p.94).

Nesse sentido, Freud (1900-01) destaca que somente um desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento e que este movimento é regulado pelas sensações de prazer e desprazer.

Desta forma, o sujeito, para administrar este conflito entre os seus desejos e as proibições, passa a mobilizar alguns recursos psíquicos, colocando então o aparelho psíquico em movimento. Ao analisar um de seus sonhos, Freud relata que o sonho realizou certos desejos que se iniciaram nele no dia anterior (FREUD, 1900-01, p. 153), constatando que o sonho era, possivelmente, uma maneira propícia para a realização de desejos não satisfeitos em vida diurna.

A partir desta análise, Freud iniciou uma série de investigações a respeito dos sonhos, mas também do por que estes estavam relacionados com a realização de desejos, o que o levou a investigar a natureza deles e de onde se originariam aqueles que são realizados nos sonhos. Em seus estudos sobre sonhos, antes mesmo de Freud estruturar uma forma de funcionamento do desejo e um lugar de origem deste em nosso aparelho psíquico, ele teve a percepção de que o desejo que se realizava no sonho era produto de uma força impulsora, a ser suprida por um desejo, ou seja, o desejo está a serviço de algo que o precede (FREUD, 1900-01, p. 590).

Em seu dicionário de Psicanálise, Roudinesco (1998, p. 628) dá o nome a essa

força impulsora das pulsões, que remete, por sua etimologia, a ideia de um impulso – força, pressão –, independentemente de sua orientação e objetivo, e situa esta pulsão como um motor da atividade psíquica.

Segundo Laplanche e Pontalis, pulsão é:

o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Que, segundo Freud, alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 506)

Desta maneira, Freud (1916) define a pulsão como sendo aquilo que rege e mobiliza o indivíduo, que está situado na fronteira entre o mental e o somático; é o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo – dentro do organismo – e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Neste sentido, as demandas da sexualidade, fome e agressividade são pulsões, nas quais estas excitações representam o grau de pressão ou trabalho imposto à mente em ressonante consequência da sua ligação com o físico e o corpóreo, ou seja, todas as tensões do aparelho neuronal causadas pelos estímulos internos ou externos, que devem ser descarregadas e manifestadas pela força motora. O aparelho neuronal alivia as tensões através do sexo, da alimentação, da agressividade, dançando, bebendo, fumando e etc., em busca de manter a homeostase biopsíquica do indivíduo.

Para Freud (1969) é primordial localizar e buscar entender o eu, essa forma de funcionamento e dinâmica do aparelho mental, e que tem ligação enorme na instância de função do eu que surge para discernir o mundo subjetivo e interior do mundo objetivo e exterior. Contudo, para Freud, o eu não é apenas essa consciência segura, firme que nos permite discernir nossa interioridade, nossos sentimentos e pensamentos da realidade que nos cerca, ou seja, o mundo exterior; para ele, existe algo mais profundo, subterrâneo e irracional na noção do eu. Freud sempre foi contra a ideia de um eu lógico, fixo e estável, defendendo a ideia de que o eu não é algo unitário, firme, seguro e autônomo, diferente de tudo o mais.

Para Ávila (2009), o eu é questionado em sua representação unitária, mediante a discussão da necessária inter-relação entre o sujeito singular e os outros significativos com os quais convive desde seu nascimento. Este conceito se baseia na teoria psicanalítica dos grupos humanos, da qual o eu é tratado como sendo plural.

Segundo o autor, em 1912 Freud iniciou uma investigação de caráter antropológico que lhe permitiria estabelecer a universalidade do complexo de Édipo. Os resultados dessas investigações foram tratados nas obras “Totem e Tabu” (1912), com base nas pesquisas etnológicas de James Frazer (ano???) e na hipótese darwiniana da horda primeva. Freud vai sustentar que em cada

indivíduo singular existem estruturas trans-individuais que se manifestam nos contextos grupais e coletivos:

A massa se apresenta, pois, como ressurreição da horda primitiva. Assim como o homem primitivo sobrevive virtualmente em cada indivíduo, também toda a massa humana pode reconstruir a horda primitiva. E, mais adiante: “Haveremos, pois, de deduzir que a psicologia coletiva é a psicologia humana mais antiga. Aquele conjunto de elementos – que isolamos de todo o referente à massa para construir a psicologia individual – não se diferenciou da antiga psicologia coletiva senão mais tarde, muito pouco a pouco, e ainda hoje em dia, só parcialmente” (Freud, 1912/ 1973, p. 2596).

Desse modo, ressalta-se o surgimento da psicologia individual a partir da psicologia da massa. Freud ampliará em 1921 esta representação, afirmando que a psicologia individual não se difere da psicologia social ou coletiva.

Freud entendia que o que se chama consciência é um contínuo para dentro do indivíduo e do aparelho psíquico, sem qualquer delimitação nítida, e que se sustenta por uma entidade mental inconsciente identificada e denominada "ID". Esta instância é a região dos impulsos, afetos e desejos, e foi descoberta por Freud como fundamento da psicanálise, que com seu aparato teórico tornou questionável a própria noção do que entendemos por eu. É como se o indivíduo existisse em dupla dimensão de lados, consciente e inconsciente. Sendo assim, toda a psicanálise se esforça na tentativa de compreender o desenvolvimento do eu em sua

luta pela existência. A psicanálise não vê na consciência a essência do psíquico, mas somente uma de suas qualidades, que pode somar-se a outras ou faltar em absoluto. De acordo com Freud (1948, p. 1.991),

“(…) ser consciente é, em primeiro lugar, um termo puramente descritivo que se baseia na percepção mais imediata e segura. A experiência nos mostra logo que um elemento psíquico, por exemplo, uma percepção não é em geral, duradouramente consciente. Pelo contrário, a consciência é um estado eminentemente transitório”.

Nesta dinâmica psíquica entre o inconsciente e o eu, o primeiro momento em que o eu percebe o mundo externo, é através do desprazer, quando uma fonte de prazer lhe é subtraída. O seio materno para a criança é o primeiro objeto que separa o eu do mundo exterior, é a carência persistente da satisfação esperada, a decepção, que acarreta o abandono desta tentativa de satisfação esperada, ou seja, é na necessidade não atendida que o eu emerge no indivíduo, iniciando assim um processo ascendente de percepção a partir da pulsão original que o define e o localiza no aparelho psíquico e no mundo externo entre os pares.

De acordo com Zornig (2008, p.74) a sexualidade proposta por Freud é uma sexualidade ampliada e radicalmente diferente da concepção naturalista predominante no final do século XIX, quando a normalidade sexual era definida pela sexualidade adulta e a consumação do ato sexual referida a fins de reprodução. A masturbação infantil, a simples

busca do prazer sexual, ou ainda a impossibilidade do ato sexual (como em alguns casos de impotência) eram consideradas condutas anormais (perversas) ou sinais de degenerescência.

Neste contexto, Freud (1905/1976a) propõe a ideia de uma sexualidade que surgiria desde os primórdios da constituição do psiquismo e seria radicalmente diferente da então aceita noção de instinto sexual.

O autor dá como exemplo a amamentação do recém-nascido, sugerindo que a nutrição, a necessidade biológica de ser alimentado, não parece ser o único objetivo do bebê ao mamar. Esta fase da libido infantil é conhecida como fase oral, correspondendo a boca à zona de prazer, pelo desejo dos seios da mãe; seguidamente o prazer da criança passa a ser pelo corpo inteiro da mãe porque é esta quem a acaricia.

Por outro lado, Freud (1905/1976a) afirma que ao observamos um bebê saciado deixar o seio e cair para trás adormecido, com um sorriso de satisfação, pode-se dizer que esta imagem é o protótipo da expressão da satisfação sexual na existência posterior. Neste caso, poderíamos acrescentar que o bebê procura se nutrir não só do leite materno (necessidade orgânica), mas de uma relação afetiva que não se reduz à satisfação alimentar, apesar de se apoiar nela. O termo apoio utilizado pelo autor é para demonstrar que se a sexualidade se apoia em uma função de conservação da vida, vai se destacar dela

ao buscar uma satisfação que excede esta função instintiva.

De acordo com Ávila (2009) antes da elaboração de (1914/ 1976b) sobre o narcisismo, Freud pensava o eu como instância reguladora, vinculada à realidade e protegida das dissimulações da sexualidade. O dualismo entre a pulsão de auto conservação do eu e a pulsão sexual é sustentado pela tese de que a sexualidade do eu é uma pulsão sexual, e a outra não. A inserção do conceito de narcisismo promove um abalo no dualismo pulsional, ao colocar no horizonte da dinâmica pulsional a possibilidade do investimento sexual no próprio eu, criando, desta forma, a libido do eu. A “teoria do eu”, que antecede à Introdução ao Narcisismo, expressa o desejo de salvaguardar uma instância neutra, autônoma e livre de conceitos sexuais.

Na introdução sobre o conceito de Narcisismo Freud alerta para a face narcísica do amor parental. De acordo com o autor, há um resgate da nossa infância perdida, dos sonhos e ideal, através dos nossos filhos.

Para Zornig (2008, p.74), o bebê, nada mais é do que em outrora fomos ou que gostaríamos de ter sido. E se é fundamental este investimento dos pais em seu filho para que este cresça e se desenvolva, por outro, um amor parental que desconsidere a singularidade da criança e sua visão de mundo pode ter como resultado “pequenos adultos”,

precoces, mas desconfortáveis em um papel que ultrapassa sua possibilidade emocional.

Segundo Stenner (2004, p.55) não se trata aqui, de conceituar o inconsciente, objeto de outro estudo, mas de pensa-lo a partir da segunda tópica para a construção do processo identificador. Freud desde seus primeiros escritos, na construção do aparelho psíquico, circunscreve, nomeia e institui o eu a partir da experiência primária da satisfação, onde o ideal do eu localizado no narcisismo primário, tende a evoluir para fora em busca do outro (objeto), promovendo assim o eu ideal na maturação do sujeito, que para a autora caracteriza-se pela não coincidência entre percepção e o acúmulo de excitações endógenas do bebê trariam como efeito a alucinação do objeto desejado, o que causaria segundo Freud a existência permanente de um corpo de neurônios catexizados, constituindo a base fisiológica do eu. Sendo nesta linha perceptual da realidade que o sujeito realiza o ajustamento e a realização do eu, e que é também pela via narcísica que surge o “eu ideal”, portanto concerne precisamente ao que Freud chamou de “eu real”, ou seja, aquele narcisismo infantil caracterizado pela autossuficiência.

A estrutura do funcionamento do aparelho revela que as redes formadas pelos neurônios apresentam atividades psíquicas como características que emerge dos trilhamentos das pequenas quantidades de energia. O aparato proposto por Freud se

constitui de sistema de representações articuladas em rede, de modo que qualquer variação em uma região de um sistema em particular pode afetar as regiões vizinhas em função de sua intensidade.

A proposta de um eu em que seus dilemas se confrontam em busca de um porvir com mais dignidade, entre conceito e prática mais equânime entre sujeito e civilização, onde a angústia do eu se encontra na sustentação do ser, Freud nos deixou um legado que jamais se perderá, pois perene é, e sempre será o sustentáculo da vida, da cultura e do inconsciente como horizontes em que o novo sempre ressoará como uma projeção de si mesmo.

2. INCONSCIENTE (ID), EU E SUPER-EU UM TODO DINÂMICO

Para Freud (1969, p.85-86), o que conseguimos entender do “eu” não passa, portanto, “(...) de um mirrado resíduo de um sentimento muito mais incluso, na verdade totalmente mais abrangente, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca, o conteúdo ideal a ele apropriado seria exatamente o de ilimitabilidade e de um vínculo com o universo”.

Conforme o autor, o princípio de realidade se define como regulador e base do funcionamento mental, sendo o consciente secundariamente uma modificação reguladora

do princípio do prazer, o que na teoria psicanalítica começa por ser único e soberano. Porém, é na confluência e através do conflito contínuo do homem com a realidade que o eu foi se diferenciando do mundo exterior, onde o indivíduo internalizou o princípio de realidade que irá estruturar todas as suas faculdades superiores.

Para Laplanche (1983, p.471), “a sua instauração corresponde a toda uma série de adaptações que o aparelho psíquico tem de sofrer: desenvolvimento das funções conscientes, atenção, juízo e memória”.

Para Freud os processos mentais são regulados, num primeiro momento pelo princípio do prazer, e o alívio dos estímulos seria a completa gratificação da excitação; ou seja, é como se o indivíduo pudesse se defender e proteger das sensações que os objetos causam no seu interior. O “Id” é o domínio das pulsões primárias do inconsciente, ele é independente das formas e determinações que constituem o indivíduo, ele não visa à autopreservação, apenas pulsa e deseja. No decorrer da evolução da espécie humana, uma parte do “Id”, responsável pela recepção e proteção contra os estímulos, desenvolveu-se até formar o “eu”. O “eu” desenvolveu-se sob a influência do mundo externo, sendo o domínio do princípio de realidade. A função do “id” é lutar cegamente pelas satisfações da pulsão, desprezando a realidade, enquanto que ao “eu” compete coordenar, alterar, organizar e controlar os

desejos do “id”, reconciliando-o com a realidade.

A função e o objetivo do “eu” é preservar a existência, observando e testando a realidade, criando para si mesmo uma imagem verdadeira da realidade. Isso é o que Freud considera, quando afirmou que “(...) a percepção é para o “ego” o que para o “id” é a pulsão. O “ego” representa o que nós podemos chamar de razão ou reflexão, opostamente ao “id”, que contém as paixões” (FREUD, 1948, p.1.196).

O supereu é a instância reguladora que se origina na infância do indivíduo, com as primeiras restrições que o pai impõe ao filho, e que são responsáveis pelos valores éticos e estéticos do indivíduo. O supereu surge através da influência parental, mas somente se solidifica através das influências sociais e culturais, tornando-se o responsável pela extrema moralidade da sociedade civilizada, assim define esta instância do “eu” na teoria freudiana, assumindo o papel de fiscalizador do princípio do prazer.

Eu é o significado de uma palavra que é de origem latina - Ego, porém, segundo Szondi (1975) que fez um levantamento em sua obra da trajetória deste conceito nos últimos três mil anos, lembra-nos que o significado de ego abrangia tudo:

O ego era a divindade, criador e senhor do Universo, dirigente interior, imanente, imortal; era o próprio corpo, a alma de tudo que age e se movimenta no mundo; era o espírito, a substância metafísica; era um feixe de percepções, representações e evidências; era juízo e

memória; sujeito e transcendência, parte do inconsciente, órgão de defesa, pulsão não libidínica, objeto sexual, reservatório primitivo da libido, um sistema de censura; era o centro da consciência e uma parte da psique, logo o próprio ser. (Szondi, 1975, p.95).

Na linguagem psicanalítica o eu-ego designa a parte da personalidade que equilibra as forças às quais o indivíduo é submetido, isto é, suas próprias pulsões (tendências profundas), sua moral ou mais precisamente, o superego que para Freud é uma formação do inconsciente de onde decorrem as identificações da criança com os pais idealizados ou com seus substitutos, esta instância exerce uma função de autoridade e censura moral, que obriga o eu a lutar contra determinadas pulsões instintivas, a este processo do superego juntam-se as influências educativas e a religião.

O superego, como instância moral, exerce sobre o indivíduo um constrangimento às vezes mais forte do que as próprias pessoas investidas de autoridade, assim como a autocrítica, também é uma função do superego, que se estiver atuando exacerbadamente no indivíduo, pode gerar transtornos mentais como a melancolia e outros sentimentos penosos e de culpabilidade com tanta intensidade que tornam a vida insuportável, podendo levar o indivíduo a buscar um sofrimento expiatório como o masoquismo moral ou até mesmo a morte.

Desta forma estruturou Freud o aparelho psíquico, como modelo teórico para

representar e tornar compreensível o funcionamento da vida mental, e, é a partir da segunda tópica apresentada em 1923, que o criador da psicanálise instituiu na personalidade humana as instâncias do eu-ego que está relacionado às percepções e que regula o desenvolvimento dos processos psíquicos no tempo, submetendo-os à prova da realidade; o id nesta relação é onde se agitam as pulsões primitivas, que o eu-ego gostaria de submeter a seu poder; assim como nesta relação dinâmica de representações, emerge o superego-superego que se exprime pela moral. Polarizados mas convergentes numa confluência ambígua, mas nem sempre dialética que, age e atua na personalidade humana na visão Freudiana, o id que está submetido ao princípio de prazer e o eu-ego ao princípio de realidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo de análise e reflexão do processo de constituição do eu, dentro dos postulados de Freud, evidenciou que esta instância do aparelho psíquico é considerado pelo seu criador teórico como uma estrutura ambígua, onde a complexidade e a funcionalidade deste sistema operam e atuam em um todo dinâmico.

Este precedente onde a autopreservação do eu civilizatório se relaciona com uma espécie de ausência de limites dentro de um universo próprio e

peculiar, formando assim um vínculo entre o eu e o inconsciente na visão e conceituação de Freud, se constituindo nesta confluência o eu sempre será uma projeção do social e da cultura, porém sustentado e mantido pela sua natureza dinâmica e pulsante do inconsciente.

A provável relevância desta evidência epistemológica da condição múltipla e operativa do eu no aparelho psíquico na teoria Freudiana, demonstram que em tese, o fenômeno humano é atravessado de ilimitabilidade, e para Freud de uma relação estreita com a metapsicologia do sujeito. Neste sentido, para a teoria psicanalítica o que a experiência empírica percebe e age, é apenas uma parte irrisória do psiquismo, onde a razão e a reflexão operam a partir de um vetor pulsante que invariavelmente só deseja.

Portanto equilibrar, regular e conter o civilizatório, que para Freud sem este princípio de realidade, a barbárie domina e controla o sujeito.

Para a psicanálise o princípio de realidade surge como um mecanismo de defesa e proteção contra os estímulos do exterior. A função da pulsão é a satisfação por si mesma, que sem coordenação e controle do eu suficientemente bem elaborado, conduzirá a um colapso estrutural do aparelho psíquico e do sujeito que necessita, a priori, da realidade, do social e da cultura parental para avançar na epopeia humana.

A necessária diferenciação entre o sentimento do eu e o mundo externo,

demonstrados neste estudo serve, portanto para a finalidade prática de capacitar o sujeito para a defesa contra as sensações de desprazer, que sentimos ou que nos ameaça. Conclui-se com este estudo que a instância do eu foi entendido por Freud como um sentimento mais amplo que podemos ter de nós mesmos e da relação com o mundo exterior, e que o melhor que se pode fazer para valorizar e qualificar este processo contínuo e pulsante de individualidade e singularidade da psique humana, é elaborando esta relação do eu, pelo vínculo da alteridade e da dignidade, construído a partir do aperfeiçoamento de si mesmo e entre seus pares, pois; Eis que todos estamos, na visão do pai da psicanálise, imersos pela ilimitabilidade do universo com a oportunidade e a responsabilidade de promover a liberdade e a possibilidade civilizatória da posteridade humana.

4. REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica.** Revista Vínculo v.6 n.1 São Paulo jun. 2009. [In: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005) Acesso em 19/04/ 2016.

FREUD, S. **Obras Psicológicas completas.** Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973.

_____. **El yo y el ello y otras obras.** Buenos Aires :Amorrortu, 1996, 2. Ed.

_____. **Totem y tabu**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1934, vol. II, pp. 1236-1473.

_____. **Psicologia de las Masas y análisis del Yo**. Buenos Aires: Americana, 1943, vol. III, pp. 2563 – 2610.

_____. **El Malestar en la cultura y otros ensayos**. Bogotá: Alianza Editorial, 1988, Tomo VIII.

_____. (1900-01) (I). **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. IV.

_____. (II). **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. V.

_____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago/Edições Standard, 1969, Tomo XXI.

_____. **Instinto e suas Vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV.

_____. **Três Ensaio sobre as teorias da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a (Original publicado em 1905), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. VII, Trad. J. Salomão.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b (Original publicado em 1914), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV, J. Trad. Salomão.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

ZORNIG, S. M. A. **As teorias sexuais infantis na atualidade**: algumas reflexões. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008. In: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=>

[sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005). Acesso em 19/04/ 2016.

STENNER, A. S. **A Identificação e a Constituição do Sujeito**. Psicologia Ciência e Profissão, 2004, 24 (2), 54-59. Disp. em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07.pdf>. Acesso em 22/04/2016.

_____. SZONDI, L. **Introdução à Psicologia do Destino**. São Paulo: Ed. Manole, 1975, Trad. Juan Alfredo Cesar Müller, cap. IV, p.95.

_____. LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. São Paulo: 5ª Edição, Ed. Atlas, 2003, p.100.